

EVIDÊNCIAS DE USOS GRAMATICALIZADOS E NÃO GRAMATICALIZADOS DE *DIZ QUE* EM ORTO DO ESPOSO

Katiane de Carvalho Coelho (UFF)
katianedecarvalho@hotmail.com

1. Introdução

As reflexões ora apresentadas são fruto de pesquisa realizada no âmbito do grupo *Discurso & Gramática*, na Universidade Federal Fluminense. As investigações realizadas no interior do grupo privilegiavam a orientação teórica funcionalista norte-americana e oferecem contribuições para a compreensão dos fenômenos de estabilidade e mudança linguística, com foco na gramaticalização da evidencialidade em determinados estados de língua, na trajetória do português.

Este texto aborda a comparação de contextos de uso do item *diz que* em estágios linguísticos distintos, recuando a partir do presente até o português arcaico. Para tanto, adota-se perspectiva que prevê a interação entre sincronia e diacronia, considerada central para o estudo do processo de gramaticalização, entendido como regularização ou convencionalização (FURTADO DA CUNHA, 1999).

Comparam-se contextos associados ao uso de *diz que* em dois recortes sincrônicos, considerando-se ocorrências do item no português atual e no português de fins do século XIV. Para obter *corpus* representativo deste momento, realizou-se levantamento das ocorrências de *diz que* na obra *Orto do Esposo*, cuja autoria é atribuída a monges do mosteiro de Alcobaça, no período medieval português.

No português contemporâneo, resultados atestam a convivência de usos gramaticalizados e não gramaticalizados de *diz que*. Constatam-se contextos nos quais o sentido pleno de verbo de elocução permanece (Cf.: “O presidente *diz que* as verbas não serão liberadas”) e contextos em que as características de “dizer”, como verbo de elocução, perderam a força (Cf.: “*Diz que* era um rei, tinha uma filha por casar”). Esse último caso costuma ser apontado como indicio de que o item sofreu gramaticalização no português atual.

Observações preliminares contrariam esses apontamentos, oferecendo evidências de que há contextos em que *diz que* aparece gramaticalizado no *corpus* representativo do português medieval e que tais contextos permanecem atuantes no português contemporâneo.

Assim, em vez de confirmar tendências que apontam para o processo de mudança linguística do item, atesta-se sua estabilidade semântico-sintática. Nessa direção, prevê-se a convivência dos usos gramaticalizados e não-gramaticalizados de *diz que* no português por tempo indeterminado.

2. *Aportes teóricos*

As pesquisas sobre mudança na perspectiva funcionalista estão estreitamente associadas à teoria da gramaticalização. Heine (2003) sugere que por meio da observação do processo de gramaticalização é possível compreender a maneira como itens gramaticais se estabelecem e se desenvolvem.

Destacam-se três fases nos estudos de gramaticalização. Algumas noções recentes da teoria da gramaticalização são remanescentes desses momentos históricos.

A primeira fase é associada ao trabalho dos filósofos franceses e britânicos no século XVIII. Tais filósofos propuseram que a complexidade gramatical e a abstração vocabular são derivadas de lexemas concretos, argumentando que formas dependentes, como algumas inflexões verbais, podem ser historicamente rastreadas até palavras independentes. Tooke, em uma obra de etimologia (*Epea Pteruenta, or Diversions of Purley*; vol. I: 1786; vol. II: 1805) considerou que as preposições derivam de nomes e verbos. Condillac explicou as desinências pessoais do verbo pela aglutinação de pronomes pessoais. Além disso, afirmou que o tempo verbal vem da coalescência de um advérbio temporal com o tema verbal.

A segunda fase dos estudos de gramaticalização é associada aos linguistas alemães no século XIX. Nesse momento, considerou-se, inicialmente com Franz Bopp (1816, 1833, *apud* HEINE 2003) que a mudança de formas lexicais para formas gramaticais é um dos

processos essenciais da gramática comparativa, destaque que tornou a mudança categorial um processo chave para o método histórico comparativo.

A terceira fase tem início nos anos de 1970, com Meillet, que primeiro introduziu o termo *gramaticalização*, definindo esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912, p. 31).

Até 1970, a gramaticalização foi vista como parte da linguística diacrônica, como um meio de analisar a evolução linguística e reconstruir a história de uma língua ou de um grupo de línguas ou, ainda, como forma de relacionar as estruturas linguísticas do momento com os seus usos anteriores. A partir de 1970, entretanto, a atenção passa a estar no potencial que os estudos de gramaticalização oferecem como um parâmetro explanatório para a compreensão da gramática sincrônica.

Hopper (1991) indica duas abordagens da gramaticalização: a “histórica”, que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças que as afetam, e a “sincrônica”, que estuda o fenômeno do ponto de vista de seus padrões fluidos de uso linguístico.

A interação entre a perspectiva diacrônica e sincrônica é acentuada pela abordagem pancrônica. Para Furtado da Cunha; Oliveira; Votre (1999) estudar a gramaticalização envolve “a pesquisa e a comparação de estágios linguísticos distintos”, combinando informação sincrônica e diacrônica.

A orientação pancrônica prevê permanência e continuidade em relação à atuação de fatores estruturais que têm determinados efeitos nos usos linguísticos.

Casseb Galvão (2004) analisa usos de *diz que* no português contemporâneo. No recorte sincrônico, considera que “ele diz que” e “dizem que” são as formas fontes do processo de mudança de *diz que*. Com base em ocorrências como as observadas em “*Diz que* era um rei, tinha uma filha por casar”, *diz que* estaria adquirindo estatuto de elemento gramatical no português atual. A autora propõe um *continuum* de gramaticalização que prevê a mudança do item:

Tia Úrsula diz que > o povo diz que > a Lei diz que > Ninguém diz que > Algo me diz que > [...] um desses que me diz que > Diz que era um rei

Os resultados encontrados por Casseb Galvão (2004) atestam a convivência de usos gramaticalizados e não gramaticalizados de *diz que* no português atual, sugerindo que a gramaticalização do item se dê de forma gradual e unidirecional.

O estudo de Casseb Galvão (2004) suscita a investigação dos usos de *diz que* em outros momentos da história do português. Assim, propõe-se um recorte em que sejam considerados os usos de *diz que* no final do século XIV para buscar evidências que corroborem ou refutem as constatações obtidas ao examinar os usos de *diz que* no momento atual.

3. Método de coleta e análise dos dados

A análise esboçada é de orientação qualitativa e de caráter histórico-comparativo com suporte no paradigma evidenciário (GINZBURG, 2004). É baseada no modelo evidenciário no sentido de que cada ocorrência registrada é examinada, buscando-se captar as singularidades dos usos do item em investigação. O encaminhamento de estratégias de respostas às questões propostas conta, pois, com método interpretativo centrado em particularidades, consideradas reveladoras.

O levantamento do *corpus* é feito com método de varredura com a ferramenta de localização dos navegadores de Internet, considerando-se três *key words* para a realização da busca, a saber: *diz, dis* e *dig*. Optou-se pela concordância *Key Word In Context* (KWIC) (MANNING; SCHÜTZE, 1999), com número mínimo de três palavras antes e depois do elemento central. São computados os resultados de formas do verbo dizer acompanhadas de *que*.

4. *Discussão dos resultados*

Os dados obtidos são registrados em planilha e distribuídos em categorias conforme os usos. Preliminarmente se detectam usos de *diz que* para:

1) citar/afirmar/reportar-se

Ex.: “pertêncem aa sabedoria da carne, da qual diz o apóstolo Paulo que a sabedoria da carnẽ he morte”

2) relacionar

Ex.: “disse o mynistro aos frades que preegassem, e todos se escusarõ, dizendo que nõ estauã percebudos”

3) introduzir especulação/indicar incerteza da origem da informação

Ex: “E he tal como era hũa mulher cegua, de que fala Seneca em esta guisa. Diz que a sua mulher ficou ã carrego, da parte de herança de seus parentes”.

Em (1), *diz que* introduz uma oração encaixada. O referente contextual é explícito, aparecendo intercalado. *Dizer* atua como predicador, a partir do qual se estabelece o argumento externo, “o apóstolo Paulo”, e o argumento interno, “que a sabedoria da carnẽ he morte”. Tal exemplo identifica o uso não gramaticalizado do item, com sentido pleno do verbo. A estrutura é recorrente no português atual, a exemplo de “Diz o investigador que o caso é único”.

Identificam-se ocorrências de estruturas, no português atual, nas quais a inversão da ordem sujeito-verbo, em relação ao verbo dizer, é usada para indicar incerteza da veracidade da informação, com traços de ironia, não raras vezes. Em *Orto do Esposo*, de antemão, observa-se a dificuldade em precisar tais traços, considerando-se que o texto é dedicado, em grande parte, ao tratamento do tema religioso, fato que muitas vezes favorece a tentativa de obter efeito de imparcialidade. Em (1) a inversão da ordem sujeito-verbo não representa efeito de incerteza ou ironia.

Em (2), “dizendo que” tem papel relacional, pois a função desse elemento é veicular a informação circunstancial (modal) de que “nã estauã percebudos”, indicando a maneira como todos se recusaram.

No português atual, estruturas como (2) são comumente encontradas, como se verifica em: “Os meninos se recusaram, dizendo que não iam trair o amigo”. Levando-se em consideração os contextos em que ocorrem, verifica-se que a finalidade com que “dizendo que” foi usado nas duas sincronias é a mesma.

Em (3), verifica-se que *diz que* pertence a uma categoria gramatical evidencial, no sentido de que pertence a um paradigma constituído por um determinado número de elementos que não constituem predicados. Esses elementos expressam a origem do conteúdo asseverado. Tal uso gramaticalizado de *diz que* é semelhante ao encontrado no português atual, como atesta o exemplo: “Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada... E rica, é claro. Diz que a família dela tem muito dinheiro”. Em ambos os casos, *diz que* não atribui a responsabilidade de “dizer” a um referente explícito. Nesses casos, “dizer” não atua como predicador.

Verifica-se que *diz que* aparece gramaticalizado em contexto que não remete ao tema religioso em *Orto do Esposo*. O efeito obtido em (3) é de especulação, veiculando-se informação comentada de modo reservado, mantendo-se certo tom de conjectura, baseando-se em presunções.

5. *Considerações finais*

A observação dos resultados permite explicitar ocorrências que informam a respeito das finalidades comunicativas de *diz que* no português medieval, sendo constatados usos gramaticalizados, semelhantes aos encontrados no português atual. Tais contextos, portanto, permanecem atuantes no português contemporâneo.

A abordagem pancrônica, no que se define pela combinação de informação sincrônica e diacrônica, fornece descrição mais abrangente, com possibilidade de explicação mais completa do fenô-

meno a ser investigado (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; VOTRE, 1999).

A comparação de enunciados representativos de estágios anteriores com enunciados de momentos atuais da língua portuguesa sugere que elementos estruturais permanecem, mantidas as situações comunicativas que os prescrevem, fato que atesta a força de fatores que evidenciam a estabilidade da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSEB GALVÃO, Vânia. De predicação matriz a operador evidencial: A gramaticalização de *diz que*. *VEREDAS – Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 163-181, jan./dez. 2004.

FURTADO DA CUNHA, M.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A Interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 15, n. 1. São Paulo, 1999, p. 85-111.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 143-180.

GORSKI, Edair; ROST, Cláudia Andrea; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; DA HORA, Dermeval. (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). *The handbook of the historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*, v. I. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

MANNING, C. D., SCHÜTZE, H.: *Foundations of Statistical Natural Language Processing*. The MIT Press, 1999, p. 35.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Orto do Esposo. Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt>>. *Corpus informatizado do português medieval – CIPM*. Acesso em: 25 jun. de 2010.

VOTRE, Sebastião Josué. Continuidade e mudança na língua portuguesa no Brasil. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: EDUC, 2002, p. 135-152.